

Valorização do legado mineiro. As minas do Pejão

Daniela Ribeiro

A escolha do legado resultante da exploração das Minas do Pejão como objecto de estudo advém do reconhecimento do seu valor enquanto património mais do que industrial, sociocultural.

À semelhança do que se verificara em muitos países europeus, a exploração do carvão teve um papel fundamental nas indústrias portuguesas. Em meados do século XIX, com a exploração da Bacia Carbonífera do Douro, é despoletado o interesse no território a sul do Douro, surgindo o que terá sido a primeira mina de carvão do Couto Mineiro do Pejão.

Durante décadas a população de Castelo de Paiva viveu em torno do Couto Mineiro, revelando-se, desde 1940, a "exploração" a maior fonte empregadora de toda a região da Bacia Carbonífera do Douro, assumindo-se antes do seu encerramento em 1994, como a principal estrutura socioeconómica do Concelho.

Mais do que o património industrial, o património mineiro constitui por si só valor identitário e de representatividade. Não só pela especificidade das formas e equipamentos que acompanhavam os processos de extracção do minério e que chegaram até nós; também pelas lógicas sociais que o árduo trabalho no subsolo obrigava a estruturar. Os modelos de organização territorial que a Mina introduziu na sociedade, a memória colectiva que construiu na população que aqui se fixou determinam o seu valor enquanto património.

Consequência da substituição das lógicas estruturantes de ocupação do território e da falta de prospectiva com que a população *saudosistamente* encara o futuro das formas resultantes da "exploração", o legado mineiro encontra-se hoje desarticulado. Contudo, apresentam-se ainda hoje como conjunto potenciador de novas dinâmicas para o território, não só pelo seu valor formal e cultural, como pela própria capacidade de articulação com a paisagem e que foi sendo desvalorizada nos últimos anos.

Daí a escolha do legado da exploração mineira enquanto objecto de análise. Não só pelo valor que lhe reconheço enquanto arquitecta, não só pelo valor que a população lhe atribui enquanto âncora cultural e elemento identitário; também, e fundamentalmente, pelas potencialidades que, enquanto conjunto, apresenta, tanto para a população autóctone, como para novos agentes sócio económicos.

Ultrapassadas quase duas décadas após o encerramento das Minas do Pejão, o território herdado apresenta-se hoje numa fase de degradação crítica, revelando-se crucial a reflexão sobre não só o património construído, mas também todo o património assente na memória colectiva e estruturas sociais deixadas pela exploração mineira.

É fundamental desenvolver uma estratégia de intervenção para o legado das Minas do Pejão. Mais do que *musealizar* tudo o que foram equipamentos de extracção mineira, a valorização do património existente deverá articular-se com um sistema de qualificação da paisagem e do território hoje vivenciado.

A valorização do património terá significado se articulada com a premência de revitalizar os sistemas e lógicas de funcionamento abandonadas, reavivando-os como polos atractivos e potenciadores de novas dinâmicas, promovendo o desenvolvimento local numa lógica não só concelhia, mas de carácter territorialmente mais abrangente.

A responsabilidade de preservar o legado mineiro aparece aqui como uma oportunidade para o desenvolvimento de condições que assegurem o seu futuro.